

GOVERNANÇA LIBERAL GLOBAL: biopolítica, segurança e guerra*

Michael Dillon

Julian Reid

Resumo

O artigo discute a revolução nos assuntos militares que se opera quando a **idéia** de vida biológica é reconfigurada por uma compreensão molecular e infonnacional da matéria. Já não estamos no cenário de políticas de segurança e de guerra fundadas na delimitação clara e soberana do que seja "amigo" e "inimigo". O universo teórico de Carl Schmitt já não dá conta de um exercício político necessariamente planetário. A discussão das questões de segurança na contemporaneidade, então, abre-se inevitavelmente à noção de complexidade. As ciências da complexidade parecem insistir no caráter radicalmente relacional da realidade. O resultado dessa nova situação biopolítica é o surgimento de uma dinâmica de segurança hiperbólica, sob a influência da qual qualquer organização ou população pode se tomar perigosa,

Palavras-chave

Biopoder. Segurança. Guerra. Foucault. Govemança liberal global.

GLOBAL LIBERAL GOVERNANCE: biopolitics, securtty aod **war**

Abstract

The article discusses the revolution in military affairs which occurs when the idea of biological life is reshaped by a molecular and informational comprehension of the material world. We are no longer in a context of security policies and wars based on a sharp distinction between 'friend' and 'fac'. The theoretical universe of Carl Schmitt cao no longer serve as a 1001 for understanding a planetary political exercise. Questiona of security in contemporary societies, therefore, have lo be readdressed by a

• Traduzido por Jonatas Ferreira e Aécio Amaral Jr.

theoretical tool more sensitive to the issue of complexity. Complexity sciences seem to sustain the radically relational character of reality. The result of this new biopolitical situation is the emergence of a hyperbolic security dynamic which, under the influence of any organization or population, may become dangerous.

Keywords

Biopower. Security. War. Foucault. Global liberal governance.

Para a sociedade capitalista a biopolítica, o biológico, o somático, o corpóreo é o mais importante. Intimamente aliado com a globalização do capital, mas não devendo ser reduzido a esta, um conjunto de poder novo e diverso conhecido como governança global liberal emergiu. Este termo refere-se a um regime de poder variado e complexo cujo princípio fundador reside na administração e produção da vida, e não na ameaça de morte. A governança liberal global é substancialmente composta de técnicas que examinam detalhadamente as propriedades e dinâmicas das populações, de modo que elas possam ser melhor administradas com respeito às suas diversas necessidades e chances de vida. Neste empreendimento plural e complexo, a governança liberal global representa uma considerável intensificação e extensão daquilo que Michel Foucault chamou a "grande economia de poder", cujos princípios de formação remontam ao século dezoito, quando o "problema da acumulação e da administração útil do homem emergiram pela primeira vez" (FOUCAULT, 1994a, p. 303). Este tipo de poder é chamado por Foucault de biopoder, e sua política, de biopolítica. O presente artigo constitui parte de nossa exploração contínua acerca do caráter da governança liberal global como uma forma de biopolítica global.¹

Preocupamo-nos, como Foucault, em chamar a atenção para os modos específicos como o biopoder emprega força e violência, especialmente porque ele esconde sua face violenta e "dá ao poder de infligir punição legal um contexto no qual ele parece estar livre de todo excesso e violência".² Chamamos a atenção, ainda, como o faz consistentemente Foucault, para as maneiras através das quais a biopolítica

¹ Ver também Michael Dillon e Julian Reid (2000).

² Foucault, *Discipline and punish*, p. 302.

global opera como um jogo estratégico em que o princípio de guerra é assimilado ao ~~erret~~tecer das redes socioeconômicas e culturais. Aqui Foucault inverte o velho adágio clausewitzeano acerca da relação entre política e guerra. Biopolítica é a busca de guerra por outros meios. Preocupamo-nos também, entretanto, em indicar como a conceituação e a prática da própria guerra mudam através do processo de sua assimilação no coração da ordem biopolítica e de sua relação dialógica com ele.

O relato de Foucault acerca dos modos pelos quais a reforma dos sistemas penais no final do século dezoito transformou procedimentos punitivos em técnicas disciplinares gerais também descreve a forma como "o arquipélago carcerário transportou esta técnica da instituição penal para o corpo social em sua **totalidade**".³ Com sua disseminação ampla na Europa durante os séculos dezenove e vinte, Foucault anunciou o advento da sociedade disciplinar. Entretanto, como Gilles Deleuze (1995) notou, a sociedade disciplinar está evoluindo, através de redes cibernéticas, para uma forma de sociedade do controle. Nas páginas que se seguem, nosso relato do emergente discurso estratégico biopolítico acerca da Revolução em Assuntos Militares (RAM), iniciado pela revolução informacional, de modo similar, dá ênfase ao digital e não ao carcerário; pois é o primeiro que está agora operando como técnica genérica ou princípio de formação que governa a nova biopolítica da governança liberal global. Deste modo, nós também observamos como um interesse estratégico biofilosófico comum na iniciação da vida, bem como na sua manipulação, tem sido engendrado pela confluência das revoluções digital e molecular.

As condições de emergência do discurso estratégico biopolítico

A biopolítica contemporânea, tanto nacional quanto global, tem sido informada por um novo discurso biofilosófico que frequentemente faz referência a si próprio como uma forma nova de ciência. 'a ciência da complexidade'. Neste contexto, a 'ordem' é compreendida como 'complexa', 'mutável' e 'dinâmica'. e não meramente complicada. Diz-se que o processo evolutivo de seleção natural desempenha um papel na reprodução dessa ordem. mas, posto que a seleção natural não faz

³ Ibid., p. 298.

referência à própria origem da ordem, pensadores da complexidade focam primeiramente na questão de qual concatenação de circunstâncias dá origem a sistemas capazes de reproduzir a si próprios, assim como nas formas não-lineares através das quais tais sistemas evoluem.

De acordo com influentes pensadores da complexidade como Stuart Kauffman, a origem de uma ordem auto-reprodutiva é função de uma auto-emergência espontânea originada de ingredientes pré-bióticos capazes de iniciar sistemas auto-reprodutivos quando os ingredientes atingem um limite crítico de conectividade (KAUFFMAN, 1995). A ordem não é um atributo estável de corpos pré-formados, providos *ab initio* de propriedades e características imutáveis. Nem é meramente reproduzida através de um gabarito genético. Ela é, ao invés disso, uma função de processos complexos que dependem da lógica e da dinâmica da conectividade de modo crítico. Estas dão origem aos organismos, corpos e populações que exibem formas não-lineares de mudança na medida em que, co-evoluindo com seu ambiente cambiante, combinam-se e recombina-se. Kauffman sustenta que existem leis subjacentes operando aqui.

Nos relatos evolucionários clássicos, assume-se que as populações evoluem por mutação, acasalamento e recombinação, que dão origem a variedades bem definidas que Darwin chamou 'novas espécies'. Centrais nesse processo são os conceitos de 'adaptação' [*fitness*] e 'panoramas adaptativos'.

A evolução é a história de organismos adaptando-se por modificações genéticas, buscando melhorar sua adaptação. Biólogos de há muito adotaram imagens de panoramas adaptativos, onde os picos representam alta adaptação, e as populações perambulam sob os impulsos da mutação, seleção e dos movimentos aleatórios buscando picos através da paisagem, mas talvez nunca os alcançando. A ideia de picos de adaptação pode ser aplicada em vários níveis... Nós descobriremos neste livro que, falando sobre organismos ou economias, leis gerais surpreendentemente governam processos de adaptação em panoramas de múltiplos picos. (KAUFFMAN, 1995, p. 27).

Apesar de permanecer um termo altamente problemático dentro da biologia evolucionária, o conceito de adaptação tem como premissa a idéia de que a propagação de genes de uma geração para a próxima depende da sobrevivência do organismo até que ele atinja um estágio em que possa reproduzir um número razoável de rebentos que, por seu turno, sobrevivam para reproduzir a próxima geração (GELL-MANN, 1994, p. 248). Panoramas adaptativos são, deste modo, o terreno multidimensional sobre o qual se diz que os organismos operam, ou as ecologias dentro das quais eles funcionam.⁴ Mas, o modo como você define um panorama também tem o efeito de definir uma 'população', pois uma população é este conjunto de organismos que se encontra reunido precisamente por se localizar sobre ou dentro de um panorama especificado e é percebido como respondendo às características deste. Assim, a especificação de atributos multidimensionais de um panorama compõe o problema de chegar a um critério ou medida de adaptação precisamente porque eles complicam aquilo que se quer dizer com um organismo autônomo discreto.

Para pensadores como Kauffman, 'adaptação' toma-se mensurável menos em termos de simples 'sobrevivência' do que em termos da capacidade de alcançar um 'estado de prontidão' próximo da fronteira entre ordem e caos, um estado que otimiza a complexidade de tarefas que os sistemas podem realizar e simultaneamente otimiza 'a capacidade de evoluir' (KAUFFMAN, 1993, p. 173). Essa idéia vem sendo levada para dentro da teoria da organização e da economia, e tem influenciado alguns pensadores das relações internacionais e em particular alguns estrategistas contemporâneos. Esta transferência conceitual é encorajada de forma direta pelos pensadores da complexidade:

A origem da vida como limiar da diversidade química segue a mesma lógica da teoria da decolagem econômica num limiar de diversidade de bens e serviços [...] O limite do caos pode mesmo proporcionar uma compreensão profunda e nova da lógica da democracia [...] Assim, nós veremos sugestões de uma apologia por uma sociedade pluralista como o desenho natural de compromisso adaptativo. (KAUFFMAN, 1995, p. 27-28).

⁴ Kauffman (1993) diferencia panorama adaptativo plano e acidentado.

Chamamos a biopolítica que está emergindo do discurso filosófico da complexidade de "biopolítica recombinate". Aqui, o poder de recombinação é tido como o meio através do qual a vida, concebida de modo a abranger os sistemas abertos, complexos e adaptativos, explora a conectividade para fazer evoluir formas recombinantes de organização capazes de fazer face às demandas cambiantes de panoramas acidentados de adaptação.

O modo liberal de guerra

É sempre vantajoso lembrar que os modos através dos quais os Estados preparam-se e organizam-se para a guerra, e os modos através dos quais suas sociedades problematizam a segurança, refletem diretamente as formas de vida que eles promulgam. Embora o advento da governança global liberal esteja associado a afirmações que dizem respeito ao estabelecimento e amplitude da paz liberal, negligencia-se com frequência que a biopolítica de tal forma de governança tem uma face marcial. Se existe um modo de paz liberal que se modifica e evolui, existe também um modo de guerra liberal que se modifica e evolui.

Posto que as formas de guerra e as formas da vida são intimamente correlacionadas, o modo liberal de guerra deve ser entendido em termos das relações de poder que caracterizam os regimes liberais de governo. Entretanto, se precisamos entender o modo liberal de guerra em referência ao modo liberal de poder, não é passível **fazê-lo** adequadamente com base na apreciação que o próprio liberalismo tem de si enquanto forma de poder representativa e responsável baseada num compromisso geral para com valores universalmente aclamados. Estas apreciações apenas timidamente tocam a superfície do modo como os regimes liberais de poder operaram no passado, ou como eles estão agora mudando sob influência da globalização do **capital** e das transformações operadas pelas revoluções digital e molecular. Os regimes liberais de poder sempre foram complexos e plurais, distintos por sua capacidade de se adaptar e mudar. O modo liberal de guerra então é tão plural e complexo quanto o modo liberal de poder.

Na medida em que os regimes liberais de poder são biopolíticos, tomando-se aquilo que nós chamamos recombinantes, o modo liberal de

guerra reflete as preocupações dominantes e o caráter discursivo dessa nova biopolítica. Acima de tudo ele compartilha uma preocupação com redes de conhecimento, complexidade e com a operação de tecnologias organizacionais e sociais auto-adaptativas requeridas de populações de todo tipo para que elas se tomem capazes de lidar com os panoramas adaptativos, a um só tempo morais e econômicos, estabelecidos pelo capital global e pela governança global. Neste ponto, como o conhecimento e a informação passaram a ser concebidos de modo diferente, também passaram a operar de modo diferente e, em consonância, o poder se transformou,

Governança liberal global

Assim como há duas maneiras através das quais o liberalismo concebeu a problemática do governo (poder jurídico, representativo e responsável *versus* poder biopolítico e governança), há também duas faces do internacionalismo liberal contemporâneo. Tradicionalmente os liberais aspiraram ao ideal de governo que substituiria o poder e rivalidade bélica dos estados soberanos. Entretanto, sua concepção de subjetividade política foi responsável precisamente pelo sistema que seus ideais procuraram superar de modo federativo ou de outras formas. Portanto, seu projeto de internacionalismo liberal era, e continuou sendo, tanto impulsionado quanto frustrado por discursos de poder jurídico, contrato, direito e pela sociedade civil que se desenvolveram no curso da evolução do Estado soberano e seus sistemas interestatais associados.

Entretanto, onde o internacionalismo liberal outrora aspirava a um ideal qualquer de governo mundial, hoje a governança liberal global persegue a administração da vida e a administração das populações através do uso de técnicas biopolíticas de poder. Com isso não estamos argumentando que uma face do poder liberal ultrapassou a outra. Ao contrário, existe aqui uma confluência muito mais que uma superação de modos. A mistura resultante é complexa precisamente porque ela representa a convergência de diferentes formas de poder e, de modo crescente, também a convergência de concepções diferentes de

conhecimento.' Foucault percebeu que essa confluência remontava às origens do sistema internacional europeu, argumentando que "a razão de Estado, para além das teorias que a formularam e justificaram, adquire forma em dois grandes conjuntos de conhecimento político e tecnologia" (FOUCAULT, 1997, p. 69). O primeiro era aquele que veio a constituir os discursos das relações internacionais: diplomacia, a arte de governar, alianças e guerra. O segundo era formulado primeiro em termos de polícia, *polizeiwissenschaft*, "no sentido dado para a palavra neste momento: o conjunto de meios necessários para fazer as forças do Estado crescerem a partir de seu interior" (FOUCAULT, 1997, p. 69).

Ademais, e especialmente antecipando os argumentos avançados pelo discurso estratégico biopolítico que examinaremos adiante, é importante também citar suas observações acerca da duradoura conexão entre formas de economia, biopolítica e guerra.

No ponto de junção destas duas grandes tecnologias, e como instrumento compartilhado, deve-se colocar o comércio e a circulação monetária entre os estados: enriquecimento através do comércio oferece a possibilidade de aumentar a população, força de trabalho, produção e exportação, e dotar a si próprio com exércitos grandes e poderosos. (FOUCAULT, 1997, p. 69).

A mudança do governo mundial para a governança global não é uma mudança trivial. Ela marca uma profunda extensão da própria Figuração liberal de governo e dos modos através dos quais ela pode ser perseguida com mais sucesso num mundo complexo, crescentemente necessitando de gerenciamento, diz-se, através do entendimento da própria complexidade.

Há também uma importante mudança do deslocamento da complicação para a complexidade. Mundos complicados foram outrora comandados por meio de redução e simplificação: o ater racional, o sujeito soberano, equilíbrios de poder, amigos e inimigos, ou epistemologias positivistas. O mundo entendido de forma complexa, **agora** se afirma, deve

⁵ Desenvolvemos em detalhe este argumento em Dillon e Reid (2000).

ser preferencialmente orquestrado e não reduzido. a sua dinâmica não-linear apreciada e adotada, e suas redes de conectividade cambiantes 'registradas' como conjuntos que se auto-governam. De agências nacionais de desenvolvimento e ONGs de prestígio à ONU e ao Banco Mundial, esta auto-orquestração é precisamente aquilo que a governança global pretende encorajar." A governança biopolítica procura governar sem governo (ROSENAU, 1992) ou ao menos **com** uma reduzida dependência da 'regra' e do uso doméstico de força e legislação. Seu objetivo é produzir aquilo que DeJeuze poderia chamar de política de controle. Correntemente, a metáfora que prevalece para este tipo de organização social é a da 'rede'.⁷

Apesar de Foucault não ter usado o termo governança, ele explora **práticas similares, sob o termo governamentalidade. Enquanto o** **soberano** se distingue por sua confiança em instituir a lei e ameaçar de morte, para Foucault, a governamentalidade ou, como nós agora falamos, governança, opera sobre **populações** e procura promover a vida, determinando um conhecimento detalhado sobre a mesma. Ela então estabelece aquilo que chamamos 'a biopolítica da população' (FOUCAULT, 1987, p. 139).

No discurso biopolítico liberal global, o termo governança **não** se refere a tomar ou governar o Estado **de** acordo com algum princípio de legitimação qualquer, tal como o princípio do governo representativo e responsável. A governança biopolítica está menos preocupada com Estados e organizações não-governamentais enquanto sujeitos pré-formados, do que está preocupada com estratégias detalhadas, bem informadas e táticas que afetem a constituição da vida e a regulação dos assuntos das populações, não importa quão especificados estes sejam. Ela está também preocupada com economias discursivas de poder/saber, por meio das quais

• ver Boutros Boutros-Ghali. *Agenda for peace* (New York: United Nations, 1995); Commission on Global Governance. *Our global neighbourhood* (New York: Oxford University Press, 1995); Leila L. Fritshtak. **Governance** capacity and **economic** reform in developing countries. *World Bank Technical Paper*, n. 254 (New York: World Bank, 1994); and World Bank, *Governance: the World Bank's experience* (Washington: The World Bank, 1994).

⁷ Ver Casrells (1996) e Messner (1999). Acerca da proveniência biofilosófica da rede, ver Kaufman (1993).

† Para uma leitura mais detida acerca deste ponto, ver Dillon e Reid (2000).

as pessoas, em seu comportamento individual e coletivo, são analisadas e submetidas a liberdades auto-reguladas e a métodos de controle (DELEUZE, 1995). Apesar de a descrição liberal de governo ter como premissa a suposição de que a população apresenta dinâmicas, necessidades, propensões e características independentes do modo de investigação que as colecionou **como** sujeitos e objetos do seu conhecimento, populações específicas não aparecem pré-formadas. Elas aparecem como as populações que são de acordo com um princípio de preocupação ou investigação. De fato, uma das características mais diferenciadoras da governança liberal global é a variedade de modos através dos quais populações são definidas como sujeitos/objetos de todos os tipos de preocupações globais de poder/saber. Assim, elas não são meramente definidas por traços 'nacionais', mas também por mercados, consumo, produção ou direitos.

Do mesmo modo que 'o governo da governança' não emana das ações de um sujeito pré-formado, individual ou coletivo, Estado ou não-Estado, mas de todo um conjunto de discursos biopolíticos, ele também não apresenta um centro.

O poder deve **ser** analisado como algo que circula, ou antes como algo que só funciona sob a forma de uma corrente. Ele nunca está localizado aqui ou ali, nunca **nas** mãos de alguém, nunca apropriado como mercadoria ou porção de riqueza. O poder é empregado e exercido **através** de algo como uma **organização** em rede. (FOUCAULT, 1988, p. 98).

A biopolítica opera então como uma rede compreensiva, complexa e heterogênea de práticas. Estruturando os desejos, propriedades e possibilidades que moldam a operação da vida, trabalhando nas e através das liberdades subjetivas, racionalidades governamentais desenvolvem-se tipicamente em torno de problemáticas específicas, tais como saúde, riqueza, segurança, pobreza, estigma, cultura, sexualidade ou migração. Estas, por seu turno, constituem os princípios de formação em torno dos quais populações podem vir a ser definidas e redes podem ser desenvolvidas (BUTLER, 1997a, 1997b). Estendendo o argumento de Althusser e outros, como Judith Butler, poderíamos dizer que tais

problematizações interpelam e mobilizam as pessoas individual e coletivamente,

A biopolítica é uma forma de poder positiva e produtiva, que concebe a tarefa de governar em termos do gerenciamento das populações, testando sistematicamente suas necessidades, composição, propriedades e dinâmicas de modo a promover seu bem-estar." Central à biopolítica é seu intento de investigar a vida sempre mais, definindo, analisando, conhecendo e promovendo-a. O que está em questão não é apenas a produção e reprodução normativa e material de ordens de relações sociais específicas, mas a produção e reprodução contínua da própria vida (FOUCAULT, 1994b, p. 194). A biopolítica é menos cientificamente universal do que omniversal, preocupada com todos os aspectos do processo da vida, até, e inclusive, sua definição e composição.

Nas sociedades liberais contemporâneas a circulação de poder em rede, quer num plano local ou global, generalizou esta preocupação com o conhecimento. O biopoder se tomou informacional. Isso não apenas significa que ele opera **através** de comunicação e tecnologias de vigilância digitalizadas e medidas por computador, a informação é agora vista como o próprio princípio da formação. Este movimento, tanto cibernético quanto molecular, é uma função da maneira como a informação e as ciências da vida agora instalam informação no centro da organização e funcionamento da vida.

O *bios* **mutante** da **biopolítica**

Como as ciências da vida passaram por uma transformação dramática no curso do último século, o *bios*, ou a própria concepção da vida que informa o biopoder, começou a ser concebida de modo diferente, e deste modo abriu-se estrategicamente a novas tecnologias governantes. Estas mudanças podem ser acompanhadas nos magistrais estudos genealógicos de Lily Kay, *A visão molecular da vida* e *Quem escreveu o*

⁹ Num texto recente, Barry Hindess argumenta que a cidadania **deve** ser repensada **como** parte de um governo **geral** das populações resultante de um sistema internacional de Estados. HINDESS, Barry. Knowledge and political reason. *Critical Review* 01 *International Social and Political Philosophy*, v. 1, n. 1, 1998.

livro da Vida? 10 Kay (1993) documentou as detalhadas operações capilares do nexa entre poder/saber que levaram ao triunfo da visão molecular na segunda metade do século vinte e ao domínio corrente da metáfora da linguagem e do código na ciência genética. Como a própria definição biológica da vida mudou, também mudou o caráter histórico do biopoder.

Teoria da informação, cibernética, análise de sistemas, computadores eletrônicos e tecnologias de simulação alteraram fundamentalmente a representação de fenômenos animados e inanimados. Estas novas ciências da comunicação começaram a reorientar a biologia molecular (como o fizeram com outras ciências da "vida e com as ciências sociais) mesmo *antes de* esta ter sido submetida a uma mudança de paradigma (1953) da explicação da hereditariedade baseada na proteína - para o DNA. (KAY.1000. p. 5).

O código, então, parece marcar uma nova fase na bio-história. Ele estabelece uma ligação direta, um vínculo conceitual comum, entre as ciências da informação e as ciências moleculares, e constitui a fundação de um novo discurso biofilosófico que elas partilham. A 'nova biologia', nome dado às ciências da vida antes de 1920, antes do triunfo da revolução molecular, salientava a unidade de fenômenos comuns a todos os organismos, e não sua diversidade. A busca desta característica comum logo se centrou no gene. Nos anos de 1940 Erwin Schrodinger sugeriu um *script* de código para o gene. A idéia cristalizou-se durante o *verão* de 1953 e por volta de 1965 a representação da heterocatálise em termos de código genético estava completa (KAY. 1993, p. 272-273). Entretanto, foi na convergência das revoluções digital e molecular que o escopo da comunalidade entre estas ciências foi estendido para abranger toda matéria como informacional. Como consequência, 'corpos' e 'populações' tornam-se hoje algo completamente diferente. Enquanto a ciência genética toma possível realizarmos trocas e produzirmos formas de vida transespécies, a

10. Ver também o que Jean Baudrillard tem a dizer acerca das mudanças estruturais no poder econômico e as revisões na teoria econômica que tiveram lugar na *década* de 1920. BAUDRILLARD, Jean. *The consumer society*. London: Sage, 1998.

cibernética concebe os sistemas vivos em termos de montagens maquínicas que compreendem tanto matéria orgânica quanto inorgânica.¹¹

A conjunção das revoluções molecular e digital deu enorme ímpeto ao avanço das ditas ciências da complexidade. Como os componentes essenciais da vida, de fato, toda realidade material, começaram a ser concebidos em termos de informação, sucessivas ordens de cibernetica proporcionaram arquitetura conceitual e operacional para converter a informação em estratégia; as operações das sociedades em rede tornaram-se mais e mais dependentes desta arquitetura. As questões aqui dizem respeito à identificação e manipulação de princípios gerativos de formação e aos modos codificados nos quais redes informacionais ordenadas de modo auto-orquestrado passam a existir e operar. Arquitetura, na forma do desenho de sistemas informacionais em rede, torna-se uma ciência estratégica. Não é de surpreender, assim, descobrir que aspectos-chave da doutrina estratégica americana passaram a ser recentemente formulados em termos de uma concepção bélica centrada na ideia de rede (CEBROWSKI; GARTSKA. 1998; ALBERTS; GARTSKA; STEIN. 1999).

Reproblematizando a segurança

A história da segurança não é a busca de um valor universal por sujeitos pré-formados, individuais ou coletivos (DILLON, 1996). Dada a importância fundamental da segurança, em toda a tradição política do Ocidente, a história da segurança é a história da discussão cambiante do que deve ser um sujeito político e ser politicamente sujeito. Assim ela está sempre profundamente implicada nos modos através dos quais a tarefa de governar é problematizada e a ordem política concebida (CAMPBELL; DILLON. 1993; CAMPBELL. 1995; DILLON, 1996). Apesar de a problemática da segurança ser ordinariamente examinada em termos da soberania de Estado, ela de fato sempre foi biopolítica, na mesma proporção em que foi uma questão geopolítica (DILLON, 1995). Concebida deste modo, a análise da segurança toma a forma de uma genealogia das dinastias de relações de poder e de uma análise crítica das

¹¹ Ver, por exemplo, N. Katherine Hayles. *How we became posthuman: virtual bodies in cyberspace, literature and informatics* (Chicago: University of Chicago Press. 1999) e Steven Levy. *Artificial life: the quest for a new creation* (New York: Pantheon. 1992).

condições discursivas da emergência de regimes de segurança contemporâneos.

Mais ainda, as problemáticas de segurança sempre compreenderam terrenos complexos de práticas envolvendo discursos profundamente palpáveis acerca do perigo - discursos estes considerados fundamentais ao bem-estar do indivíduo, à formação social e à ordem política. Essas formas de problematizar o perigo, junto com seus associados discursos do medo, são, entretanto, exatamente os meios através dos quais programas específicos da vida, do indivíduo, do bem-estar, da formação social e da ordem política são introduzidos, circulados, reproduzidos e legalmente aprovados. O projeto de segurança ocupa-se em tomar a vida acessível a diferentes tecnologias sociais - a palavra tecnologia se refere de modo amplo a técnicas complexas e relações de poder estabelecidas no curso de se conceber o governo como a administração e ordenamento da vida. Assim compreendida, a tecnologia é o processo através do qual a vida se toma uma espécie determinada de material, vida crua, necessitando ser assegurada contra perigos e temores dos quais ela é considerada uma presa (AGAMBEN, 1998). A emergência de uma nova problemática da segurança é necessariamente um fenômeno complexo. Ela não é simplesmente determinada pelo reconhecimento de novas necessidades por sujeitos políticos estabelecidos, cujas estruturas e atributos, presumir-se-ia, preexistiriam às relações de força, saber e poder que as constituem.

O biopoder se torna **digital** e molecular

Dois dos lugares mais proeminentes a partir dos quais a complexidade tem emergido têm sido as redes em torno da Escola de Bruxelas de Ilya Prigogine e o Instituto Santa Fé nos Estados Unidos.^{1 2} Ambos estão envolvidos na criação de um repertório de conceitos, assim

¹² A história da emergência da ciência e da teoria da complexidade não precisa ser ensaiada em detalhes aqui. Procuramos apenas realçar aquilo que pensamos ser a **mudança** epistêmica chave, porque a vemos como uma contribuição à reproblemática da **segurança** em geral. Já existem **muitos** profissionais **excelentes**, **assim** como resumos **populares** da teoria do caos e da complexidade. Ver Stephen H. Kelln. *In the wake of chaos* (Chicago: Chicago University Press, 1993) e James Gleick. *Making a new science* (New York: Viking, 1987).

como de um vocabulário genérico da complexidade. A despeito de suas diferenças significativas, do exagero daqueles que procuram produzir uma descrição hegemônica da ciência da complexidade, e a despeito da diversidade que caracteriza seus diferentes métodos, **há**, todavia, um compromisso compartilhado com duas mudanças-chave de perspectiva estreitamente relacionadas. O resultado epistêmico dessas mudanças marca poderosamente a assimilação política e militar e o uso do discurso da complexidade.

A ciência newtoniana, para usar um termo que de modo genérico abrange um campo amplo e **diverso**, formula leis para corpos pré-formados em relações mecânicas e processos de troca. Em tais processos, o tempo é um parâmetro em vez de um operador. Ele é concebido como algo não influenciado pelas transformações que descreve (PRIGOGINE, 1980, p. 3). A ciência newtoniana também está baseada em um realismo ingênuo que assume que as propriedades da matéria estão 'lá', independentemente dos esquemas experimentais **pelos** quais elas são observadas e registradas (PRIGOGINE, 1980, p. 215). Esta suposição é a conexão-chave entre o newtonianismo de estruturas epistêmicas tradicionais e sua dependência de esquemas taxonômicos seguros. É função da ciência taxonômica, de espécies e gêneros, atribuir seguramente classificações e categorias apropriadas a corpos naturais, assumindo que o mundo é pré-inscrito com a ordem natural exposta pela taxonomia.

As ciências da complexidade, entretanto, parecem insistir fundamentalmente na 'anterioridade da relacionalidade radical'.¹¹ O termo 'radical' qualifica 'relacionalidade' da seguinte maneira: nada é sem estar em relação, e tudo é concebido, em seu próprio ser, em termos e em virtude da relacionalidade. Ao priorizar o modo de relação, ao aceitar que a temporalidade é um operador em vez de um mero parâmetro, ao conceber 'corpos' em termos de montagens e conjuntos (sistemas) contingentes, as ciências da complexidade afirmam subverter radicalmente as estruturas epistêmicas que a ciência newtoniana e os grandes empreendimentos científicos taxonômicos dos últimos cem anos seguiram. A taxonomia estável e a predição mecânica são, portanto, deslocadas por algo que pode ser descrito como "ser-in-formação", onde código, informação e rede estão

¹¹ Por esta razão **há** um debate sobre sua proximidade com o pensamento pós-estruturalista **FORU.OX. 2000i**

se tomando, cada vez mais. os termos predominantes da arte e a não-linearidade é considerada como norma. É, em resumo, o modo de relação e o efeito de diferentes princípios de formação. e não a transação mecânica de modos intersubjetivos de intercâmbio, que se tomam importantes aqui.

Estes argumentos parecem ser apoiados pelos desenvolvimentos da biologia. A ciência molecular, em particular, não apenas oferece maneiras de concepção de modos de relação (infiltração, distribuição, infecção, contaminação, mutação, colonização, simbiose). nos quais a temporalidade é um efetivo operador em vez de um mero parâmetro, ela também oferece descrições de corpos que desafiam a segura classificação taxonômica, visto que, como uma função do modo de relação, tais corpos são montagens contingentes, corpos-in-formação *ibodies-in-formanons*. em vez de corpos pré-formados. A biologia, em particular no nível microscópico, fornece uma descrição de fecundidade assombrosa, mutabilidade e pura transformação criativa que **desafia** a entropia macroscópica e taxonomias exaustivas (KAUFFMAN, 1995). Bactérias, por exemplo, diz-se, negociam informações genéticas, desconsiderando virtualmente barreiras entre as espécies, enquanto novas formas e modalidades são propagadas ao longo de fronteiras entre as espécies com rapidez quase indecente. A morfogênese não pode ser descrita ou explicada nos termos do paradigma linear de corpos pré-formados em predefinível movimento entrópico de uma lógica de sucessão estrategicamente determinada.

Todavia, "deve ser entendido que o que não é determinístico não precisa ser fortuito. A solução é a existência de um novo tipo de causalidade" (KAMPIS, 1991, p. 257). Como entender essa relação e noções associadas de predição é uma questão-chave, intimamente conectada aos modos pelos quais as ciências da complexidade não apenas entendem processos de formação e mudança, mas também de criatividade; como as coisas acontecem, como elas podem ser feitas para acontecer. e como a matéria pode ser interpretada para que certos tipos de acontecimentos sejam estimulados ou desestimulados. Esse 'novo tipo de causalidade' é a pedra filosofal para o discurso estratégico biopolítico.

Mais ainda. tais formas biológicas de entendimento e descrição também parecem mais adequadas para compreender as transformações que ocorrem com a digitalização global de informação e comunicação e os vastos poderes de propagação biopolítica que também caracterizam estes desenvolvimentos. Como Stuart Kauffman (1995) observou. há um ponto

em que uma rede crescente de nós de informação interconectada se toma concebida como um todo orgânico 'vivo'. De acordo com um outro observador, "a Web é um organismo com mais chips que pessoas".¹⁴ Mais, o comportamento como que dotado de vida de sistemas complexos de informação adaptativa aparentemente é

o resultado de regras simples, desdobrando-se de baixo para cima.; Mais próximo do crescimento de uma planta a partir de uma semente pequena ou do desdobramento de um programa de computador a partir de umas poucas linhas de código, ou do comportamento auto-organizado de um grupo de pássaros. (WALDROP, 1993, p. 329).

O que as revoluções molecular e digital fundamentalmente compartilham, então, é uma mudança de preocupação com entidades tísicas e isoladas, cujas relações são descritas em grande parte em termos de intercâmbio interativo, para considerar agora seres-em-relação, cujas estruturas, decisivamente influenciadas pelos padrões de conectividade, exibem poderes autônomos de adaptação, organização e emergência espontânea. Estes são comumente referidos como sistemas adaptativos complexos.

Indo além do par de argumentos tradicionais de que organismos são apenas máquinas mais perfeitas, ou que máquinas nunca são mais do que meras extensões do organismo, chegamos ao limiar das ciências dos agrupamentos vivos dinâmicos, nas quais os modos tradicionais de distinguir humano e não-humano, orgânico e não-orgânico, falham. Como também falha a maneira de privilegiar componentes em detrimento dos modos e intensidades de relação nos quais eles são encontrados. Estas ciências insistem que a necessidade de se relacionar é invariável em todas as formas de vida. De fato, essa relacionalidade é constitutiva destas e, assim, também a informação ou o código compreende sua real estrutura. O que é relacional é a circulação e intercâmbio de informação ou código.

¹⁴ Larry Seaquist, The ten-foot tall! electron: finding security in the Web, *The Information Revolution*, 73.

Diz-se que a conectividade do sistema é uma medida de sua real efetividade.¹⁵ No puro mundo de guerras centradas em redes, tem-se argumentado, "nenhum nó pode valer mais do que a conectividade que fornece" (BARNETT, 1999, p. 151). Mantendo diversos tipos de relações de exterioridade, os sistemas adaptativos complexos manifestam bifurcações, singularidades e transições no espaço. Aqui nós temos que traçar uma distinção entre a geometria euclidiana, onde o espaço é um plano homogêneo a ser superado, dividido e distribuído pelo cálculo, de um lado, e os panoramas adaptativos da topologia da rede, que lida com a distribuição móvel de pontos em arranjos espaciais plurais e complexos (SERRES, 1982). O comportamento adaptativo complexo é, portanto, marcado pela 'não-linearidade'. Oposto a esta visão está o ideal de sistemas implacavelmente fechados em seus próprios esforços para manter uma 'sobrevivência', um equilíbrio e uma autonomia ilusórios, empregando consideráveis recursos na especificação de tudo que é estranho ao sistema, de modo que possa se proteger dele ou expeli-lo. O preço de tal 'autonomia' na governança liberal contemporânea é pago por uma diminuição autodestrutiva da capacidade limítrofe de conectividade do sistema.

Hyper-segurança: tornando-se perigoso

O código é o denominador comum das revoluções digital e molecular. Assim, também o material com o qual o biopoder recombinante contemporâneo lida está começando a ser concebido cada vez mais como um código, circulando e operando por meio de sistemas, eles próprios entendidos em termos informacionais ou codificados. A vida aqui é portanto in-formada, emergente, passando a existir através do modo de código (BOGARD, 1996; ZUBOFF, 1988). Com o advento do modo de código que corresponde à digitalização e molecularização do biopoder, a

¹⁵ Inclusive isto tem sido formulado na forma da lei de Metcalfe, a qual afirma que o poder de uma rede é proporcional à raiz quadrada do número de ramificações [nodes] que ela contém. Sob Metcalfe foi o inventor do Ethernet, um pioneiro do Arpanet, e é conhecido como o pai fundador da era da rede. Ver George Gilder, Metcalfe's law and legacy. *Forbes* ASA?, 13, p. 72, 1993.

informação é elevada da condição de mercadoria ou meio de comunicação valioso à de um novo objeto de conhecimento e de um novo princípio organizador das relações sociais, econômicas, epistêmicas, políticas e militares que constituem a vida. Sob os lugares comuns ontológicos e epistêmicos do modo de código, a informação não é meramente um bem. Ela é o elemento constitutivo de toda matéria, tanto orgânica quanto inorgânica, "uma entidade ontológica, um princípio cosmológico" (KAY, 2000, p. 38). Candidato contemporâneo ao motor primeiro de Aristóteles, código é vida bruta, vida **bruta** é código. Portanto, a biopolítica adquire uma nova ontologia, uma vez que ela assimila simultaneamente os conhecimentos cibernético e molecular à administração dos indivíduos e populações em suas relações uns com os outros e com seus ambientes materiais. A este respeito, a bio-história parece ter estendido consideravelmente o interesse de Foucault por corpos e pelo social, posto que as ciências da vida, vasculhando na estrutura do próprio *soma*, estão reconstituindo o que significa tornar-se um corpo [*to be 'embodied'*]

O ser-em-relação que produz corpos-in-formação também subverte radicalmente a problematização tradicional da segurança de corpos pré-formados operando em processos mecânicos de intercâmbio intersubjetivo, classicamente formulada em termos da distinção amigo-inimigo de Carl Schmitt. De acordo com Schmitt (1976, p. 26), uma entidade política passa a existir quando a distinção entre amigo e inimigo é traçada. A entidade que traça esta distinção é a entidade política, portanto revelando, mais uma vez, o caráter fundador de todas as problematizações da segurança (DILLON, 1996).

Contudo, da perspectiva da reproblemática da segurança, nos termos de uma biopolítica recombinante, algo muito diferente está ocorrendo. Ser-em-relação é uma forma de vir a ser, que também é necessariamente um vir-a-ser-perigoso. É esta mudança que nós identificamos como marcando um novo desenvolvimento na problematização do medo e do perigo, induzindo a uma nova biopolítica de segurança. Tal qual a informação entendida em termos de código, a matéria - humana ou de outro tipo - não mais fornece um referente estável. As formas que ela toma são uma função de sua codificação em rede. Aqui nenhum **cálculo** simples do tipo amigo e inimigo pode ser derivado da leitura das propriedades estáveis de corpos pré-formados. Corpos-informacionais-em-relação, corpos-in-formação, não aparecem pré-

formados e sim pré-codificados. Uma vez que você tenha descoberto o código, a formação de corpos se toma uma função das estratégias infonnacionais exigidas para elaborar redes de um tipo preferido. De modo prospectivo, poderíamos dizer que não se trata dos corpos que nós temos, individuais ou coletivos, mas dos corpos que nós podemos preferir ter. Estes são precisamente os tipos de questões com os quais as discussões éticas e legais associadas à revolução genética estão se debatendo. Nem o amigo nem o inimigo podem ser tratados como dados de antemão, visto que a emergência de agrupamentos vivos é fluida e vinculada à dinâmica estratégica de modos de codificação mutantes.

O que Foucault já tinha notado a respeito do advento do poder/saber disciplinar - que "a idéia de periculosidade significa que o indiv[duo] deve ser considerado pela sociedade no nível de suas potencialidades e não no nível de suas ações: não no nível das violações concretas de uma lei concreta, mas no nível das potencialidades comportamentais que elas representam"⁶ - toma-se radicalmente intensificado e prolongado aqui. Aqui detectamos uma nova dinâmica por meio da qual a segurança toma-se hiperbólica, visto que qualquer agrupamento, organização ou população, não importa quão diferenciado e especificado, pode se tornar perigoso. A segurança torna-se hiperbólica também na medida em que o conhecimento ilimitado de agrupamentos infinitamente definíveis, populações e redes é um concomitante necessário da problemática do tornar-se-perigoso. E, concluimos, o domínio da estratégia se expande e muda em conformidade.

Discurso biopolítico estratégico: omnidirecional, omnisensorial, omniversal

Até agora não existe algo equivalente ao *Sobre a guerra* de Carl von Clausewitz para essa segunda revolução - mas nós obtemos algum insight através da observação genérica de que as nações fazem guerra da mesma forma que produzem riqueza. (CEBRÜWSKI; GARTSKA, 1998, p. 2).

¹⁶ Foucault, Truth and juridical **forms**, in: *Poll'er* (Michel Foucault: **The** Essential Works. v. 3), p. 57.

Apesar de ser possível argumentar que o discurso biopolítico estratégico foi uma resposta a uma sucessão de circunstâncias concatenadas pela dissolução da guerra fria, a RAM que o estabeleceu estava a caminho bem antes de 1989. Diga-se ainda: este discurso não foi de modo algum impulsionado exclusivamente por dinâmicas militares. Estritamente falando, a RAM é o aspecto militar de uma revolução genérica que está tomando lugar nas relações sociais e econômicas, iniciada por todo um complexo de fatores, incluindo a globalização do capital, a transformação da organização corporativa, a capitalização da tecnologia digital e molecular, e o movimento rumo às economias baseadas no conhecimento e às sociedades em rede.

A co-evolução de relações militares com a transformação biopolítica de sociedades liberais forjada por estas mudanças é plenamente reconhecida por dois dos mais influentes e eloquentes expoentes da guerra em rede. "Essas mudanças têm sido dominadas", eles observam, "pela co-evolução da economia, da tecnologia de informação, e processos e organizações de negócios" (CEBROWSKI; GARTSKA, 1998. p. 2). Tal co-evolução de relações civis e militares está engendrando um novo imaginário estratégico e um novo discurso estratégico, em sintonia com a reprobrenatização biopolítica da segurança e da guerra que caracteriza a biopolítica global da governabilidade liberal.

Metafísica

A informação é o motor primeiro."

Entre os autores mais interessantes e prolíficos engajados na revisão ampla do imaginário estratégico do Ocidente, John Arquilla e David Ronfeldt, da RAND Corporation, fornecem uma descrição paradigmática de como a informação, a complexidade e a não-linearidade estão se tomando dominantes.

Informação é muito mais do que algo sobre mensagem e meio (ou conteúdo e condutores). Diz-se que a informação é tão básica para a realidade física quanto matéria e energia – diz-se que todo objeto corporifica

¹⁷ John Arquilla e David Ronfeldt, *Informação*, p. 144.

não apenas matéria e energia mas também 'informação' [...]. Informação, assim, é uma propriedade física alojada em todos os objetos que exibem organização e estrutura. Isto se aplica tanto a sujeitos torrões de terra quanto ao DNA.¹⁸

Esse tratamento da informação não abre simplesmente novos campos de negócios para os militares e para a economia - guerra de informação e **espaços de** batalha digitalizados para os militares, comércio eletrônico e coisas do tipo para os civis. Ele inicia um **"repensar em larga escala** acerca da base real da organização, doutrina e estratégia militares"¹⁹, introduzindo também um novo cálculo de **requisitos** de força e de investimento técnico-militar e estratégias de aquisição de suprimentos. Similarmente, ele reivindica novos conceitos operacionais e doutrinas, assim como novos treinamentos, "Informação". argumentam Arquilla e Ronfeldt, "devia ser tratada como dinâmica básica e compreensiva de toda teoria e prática sobre a guerra na era da informação"²⁰

A informação, assim, torna-se a nova metafísica do poder, a partir da qual o discurso biopolítico estratégico toma sua inspiração e liberdade ao se dedicar a uma revisão da organização militar e da guerra. Isso marca uma mudança no quadro do pensamento estratégico-militar exatamente tão importante quanto a transformação que teve lugar nos séculos dezoito e dezenove (FOUCAULT, 1987, p. 140). Adotando o esquema genérico de produção, os estrategistas militares daquele período reinventaram a arte da organização militar adaptando conceitos tomados emprestados das regras da economia política (CLAUSEWITZ, 1976, p. 149). Isto tornou possível os ordenamentos espaciais complexos dos homens na batalha moderna, a transformação do espaço de batalha no espaço disciplinar euclidiano, e a regulação dos movimentos das tropas em um espírito semelhante aos movimentos regulados de navegação recentemente estabelecidos (FOUCAULT, 1977, p. 148-149). Tudo era dedicado à construção da força militar como força produtiva cujo efeito seria superior à soma das forças elementares que a compunham (FOUCAULT, 1977, p. 163). Hoje, dado que o modo de produção se transformou no modo de código, a metafísica

¹⁸ John Arquilla e David Ronfeldt. *Information*, p. 138.

¹⁹ Ibid., p. 145.

²⁰ Ibid., p. 144.

da estratégia militar está seguindo o processo, passando da economia clássica para a informática. O *ré/os* da organização militar não é mais simplesmente a extração de uma mais-valia das forças produtivas, mas a simulação de uma mobilização geral permanente de formas que se encaixam e se desenvolvem conjuntamente com a ordem da nova economia. Um tal corpo militar não pertence mais simplesmente à ordem tradicional de produção, ele se toma um corpo-in-informação governado por - e desenvolvendo - estratégias de acordo com as operações do modo de código.

Hipersegurança

Entre os outros fatores da biopolítica recombinate está a disseminação em vez da concentração de poder. Deste modo, as sociedades em rede são resistentes precisamente porque a disseminação é um princípio de formação e operação que permite uma virtuosidade assombrosa na administração da complexidade nacional e internacional. Mas as sociedades em rede não são invulneráveis. Segurança e insegurança são correlatas. "Abertura cria a vulnerabilidade aliada à força" (GOMPERT, 1998, p. 6). A hipersegurança persegue o sistema precisamente porque a vulnerabilidade é uma função direta de seu desenho muito resistente. A disseminação coloca problemas e dilemas, tais como a questão do quão abertos deveriam ser seus sistemas adaptativos, complexos, abertos."

É a disseminação de poder que torna a resistência ao poder biopolítico recombinate tão disseminada. Não há centro de poder a tomar, nenhum instrumento único de poder para lutar, nenhum efeito de poder meramente repressivo a contestar e, atualmente, nenhuma ideologia contestatória desafiando com êxito sua hegemonia. Em decorrência, este novo discurso estratégico está preocupado com ameaças assimétricas, nomeadamente aquelas que não são páreo para o poder geral do sistema

²¹ Andrew Rathmel. The IW Threat from Sub-State Groups: an interdisciplinary perspective (paper apresentado no Terceiro Simpósio Internacional de Pesquisa e Tecnologia de Comando e Controle, Institute for National Strategic Studies, National Defence University. 17-20 June 1997); Andrew Rathmel, Cyber-terrorism: the shape of future conflict. *Royal United Services Institute Journal*, n. 3, p. 40.46; and Libicki, Illuminating.

mas o ameaçam em suas particularidades, especialmente investigando e explorando suas fraquezas.

Digitalidade

A digitalização do campo de batalha está produzindo uma revolução nos assuntos militares. (ADAMS, 2000, p. 54).

De acordo com o Ato de Reorganização do Departamento de Defesa Golwater-Nichols de 1986, uma comissão de papéis e missões [*roles and missions commission*] deve apresentar um relatório ao Secretário de Defesa a cada três anos. O relatório emitido pela comissão em 1996 argumentava acerca da necessidade inadiável de uma missão central para guiar os serviços armados dos Estados Unidos, tendo esta missão como objetivo fornecer coesão estratégica geral e direção para o século vinte e um. O resultado foi um documento intitulado *Joint Vision 20/0*. Este documento advogava em favor de uma estratégia de guerra de rede, passando a desenvolver aptidões militares mais letais não simplesmente através da adoção da tecnologia de informação mais extensiva e intensivamente do que até então, mas utilizando sistematicamente a informação como o princípio de formação gerador para a organização militar – concebe-se a evolução das organizações "de acordo com a informação que pode ser alojada nestas e por estas" (ARQUILLA; RONFELDT, 2001, p. 7). Um *Joint Vision 20/0* revisado, publicado em maio de 2000, estendeu e adotou o estado de guerra em rede como o princípio de formação para a estratégia nacional de um modo amplo e introduziu a questão de suas implicações para as relações de aliança.

Velocidade, auto-sincronização e flexibilidade são qualidades premiadas, e as operações em rede, "retirando seu poder de mudanças fundamentais na sociedade americana", realizariam no setor militar dos EUA "a mesma dinâmica poderosa que elas produziram nos negócios americanos" (CEBRŪWSKI; GARSTKA, 1998, p. 1-2, 5). A estratégia da guerra em rede é caracterizada por três temas. O primeiro é a mudança de foco da plataforma de armas para a rede. O segundo é a mudança para uma relacionalidade radical, "de uma visão dos atores como independentes para vê-los como parte de um ecossistema em contínua adaptação"

(CEBROWSKI; GARSTKA, 1998, p. 1-2). O terceiro é uma tendência para modos biofilosóficos de discurso: "a importância de realizar escolhas estratégicas para adaptar-se ou mesmo sobreviver nesses ecossistemas cambiantes" (CEBROWSKI; GARSTKA, 1998, p. 1-2).

Molecularidade

A idéia de um comportamento de enxame pode parecer estranha porque estamos acostumados a nossos modelos burocráticos mais ou menos lineares (ADAMS, 2000, p. 65).

É neste ponto, entretanto, que a inspiração molecular em operação no discurso estratégico biopolítico também se faz presente [*kicks-in*]. Na contribuição mais recente de Arquilla e Ronfeldt para este discurso em evolução ocorre exatamente isso:

Nós temos argumentado [...] em favor de se adotar um conceito amplo de 'informação' - de modo que ela seja definida como algo que se refere não apenas aos meios de comunicação e às mensagens transmitidas, mas também ao crescente conteúdo 'informacional' de todas as coisas, formas e outras formas de sistemas [...] [A] revolução informacional deu poder à forma de rede (ARQUILLA; RONFELDT, 2001, p. iii).

Enquanto, na "natureza, enxames são compostos de unidades independentes cujas ações são em grande medida instintivas" (ARQUILLA; RONFELDT, 2001, p. 21), a formação de enxames [*swarming*] em operações para unidades de combate militar requer uma vasta reengenharia da organização militar e do treinamento. Fundamentalmente, argumenta-se, "a formação de enxames por elementos pequenos e numerosos será uma função de seu poder de operar em rede" (ARQUILLA; RONFELDT, 2001, p. 57). Assim, o desafio básico é estabelecer estratégias de redes informacionais complexas requeridas pela formação de enxames. Os melhores praticantes da formação de enxames atualmente são 'formadores de enxames sociais', tais como aqueles que protestam contra a Organização Mundial do Comércio, ou outras "ONGs

anvistas, que se juntam em redes transnacionais e usam operações de informação para criticar violentamente atores governamentais acerca de temas de política de governo" (ARQUILLA; RUFELDT. 2001. p. 50). Explorando a formação de enxames, Arquilla e Ronfeldt reconhecem uma característica que se toma aparentemente fundamental e que é o desaparecimento de qualquer distinção assentada entre dentro e fora, frente e trás. Ao invés disso eles percebem um magma de conflito sem costuras, fluido, em formação, pulsando, formando-se e deformando-se continuamente de acordo com impulsos cambiantes e casos de ameaça.

Capital

Na medida em que cresce o conteúdo microeletrônico e de dados em rede dos sistemas militares, o setor militar como um todo toma-se um tentáculo do mercado tecnológico civil (GOMPERT, 1998, p. 3).

A fusão de sociedades civis e militares em rede é expressa precisamente na relação estratégica complexa entre capital, relações liberais de poder e o modo liberal de guerra. O poder desta relação é bem apreciado por teóricos das relações internacionais como Joseph Nye²², ou por estrategistas militares, como David Gompert, cujo sumário que se segue aprecia este tema de modo sucinto:

Democracias de livre-mercado que estão integradas à economia mundial têm a distinta vantagem de inventar, produzir e usar tecnologia de Informação. A força desta tecnologia na economia civil, que responde às demandas das empresas descentralizadas e globais de modo especial, também dá a esses países uma vantagem em aplicações militares que utilizam as mesmas tecnologias [...] o poder surgirá mais facilmente e se tomará mais sustentável nos estados cujas liberdades e integrações econômicas e políticas na economia mundial torná-los competitivos em tecnologia da informação (GOMPERT, 1998. p. 1).

²² Ver Joseph Nye e William Owens. America's information edge. *Foreign Affairs*, March/April 1996, p. 20-54.

objetos tradicionais de conquista, tanto quanto medidas tradicionais relativas a infra-estrutura, terra e matérias-primas nacionais, tomam-se menos importantes. Cresce a opinião de que domínio territorial e coerção internacional estão "fora de sincronia Com a promessa de globalização" («GOMPERT, 1998. p. 1). As forças militares dos EUA e seus aliados ainda demandam tecnologia de informação adaptada ao cliente (*customised*), mas têm se apoiado de modo crescente no mercado de informação comercial **civil**. Na medida em que essa fusão **evolui**, os setores militar e civil são **envolvidos** numa 'Infra-estrutura Informacional de Defesa estreitamente ligada à Infra-estrutura Global de Informação'. Na medida em que ela prossegue, "a preocupação militar com a segurança do **sistema como um todo crescerá de modo acelerado, porque** sua base de informação Já não será mais segura que o Sistema inteiro".²³

Enquanto para Clauswitz a guerra era uma extensão da política por outros meios, para estes novos estrategistas a prática da guerra tornou-se a extensão daquela forma de criação de **riqueza** que também opera em tomo da informação *como* princípio gerador e mercadoria apreciada. A organização bem sucedida da guerra imita a organização do lucro (CEBRÛV5KI; GART5KA. 1998). **Pela** negociação de panoramas de adaptação diversos e desafiadores, através da mudança, metamorfose [*morphillg*] e outros meios de alterar Seus elementos constitutivos, suas formas e conectividades, ambas **procuram** imitar a operação de sistemas adaptativos complexos determinados. Assim como uma organização lucrativa depende da relacionalidade radical da efetiva administração em rede, o uso bem-sucedido de uma força militar letal também depende. A economia biopolítica é a guerra procurada por outros meios.

Enquanto outrora revoluções militares eram abraçadas para sustentar a vantagem operacional de corpos políticos pré-formados, elas são abraçadas aqui em nome da transformação de corpos políticos em material **governável** de acordo com as leis de conectividade e sua força criativa superior. Por isso, alinhando-se com a lei de conectividade que parece ter incitado a segunda revolução na industrialização e no capitalismo global, no centro deste discurso emerge um novo imperativo estratégico guiando a problematizaçã militar da guerra. Novos

²³ Jeffrey R. Coopero Another view of informauon warfare'. in *The Information Revolution*. p. 110.

imperativos biopolíticos não se opõem de modo uniforme aos mais tradicionais imperativos geopolíticos. Suas correlações e contradições devem ainda ser cuidadosamente examinadas. Não obstante, como ilustram as controvérsias envolvendo o discurso centrado na rede e a **RAM**, eles estão inextingivelmente envolvidos numa batalha por hegemonia discursiva e recursos financeiros.

Conclusão: estratégia se torna uma ciência da vida

Do mesmo modo que epistemologias em mudança reproblematicam o mundo e nosso próprio sentido de sermos sujeitos individuais ou coletivos, elas também informam as concepções cambiantes de estratégia que procuram governar como nós agimos. Embora honrando o tradicional discurso geo-estratégico, o discurso estratégico biopolítico é impelido também na direção de uma concepção emergente de estratégia que é bem distinta. Essa concepção é mais cibernética, preocupada com os princípios geradores da formação, codificação, decodificação, algoritmos e processos que compreendem e guiam redes de informação; e em particular processos pelos quais os efeitos do real podem realmente ser simulados. Aqui vemos aquilo que Baudrillard chamaria uma perda do 'real' paralelamente a reivindicações persistentes por uma representação mais acurada do 'real', uma vez que vida 'real', vida crua, é entendida como sendo um efeito de princípios geradores de processos de formação e codificação que podem ser sujeitos a uma manipulação detalhada. Este, afinal, é o núcleo científico, o poder, da digitalidade e molecularidade.

Se a governança liberal global é substancialmente compreendida por técnicas que procuram exercer poder sobre a vida, então estratégia já não pode ser concebida como o cálculo mais ou menos racional de sujeitos pré-formados, em busca da realização de seus objetivos no mundo, como se eles não fossem formas de vida profundamente informadas por relações de poder já em operação no mundo. O que importa para o poder sobre a vida são as ciências que procuram conhecer a vida omniversalmente, em todas as suas conexões materiais e complexidade, de modo que a própria vida possa ser levada à governança. No modo de código que está transformando de tal forma o caráter biopolítico do biopoder, o que importa não é apenas a informação e as ciências da vida que deslindaram o